

A rua dos calafates

Fernando Morgado

Se não fosse aquela caleira a mostrar-se para o perigo, eu não daria conta da tua janela.

A rua dos calafates é hoje um ossário de prédios abandonados. São poucas as pessoas que ainda lá moram. Ficaram os cães e os gatos, sempre afoitos na busca de “restos” que os caixotes devolvem. E os ratos, para entreter aqueles.

Ficaste tu. Ou só agora te escondeste aqui?

Sento-me neste esqueleto, quilha e casco em decomposição - sobram as cordas que coraram tanta roupa, uma sapatilha viúva, duas cadeiras mancas e alguns preservativos mal usados. O cheiro a cais e a lodo toma conta da maresia.

Deixo o sol acalmar-se para te perceber melhor. Adivinho-te: dois pares de slips na corda, solitários de um soutien que talvez não uses; uma t-shirt “eu vi o abrunhosa malhar”; a música que não consegues calar.

Tento no labirinto uma ponte para te “saber”. Não é fácil. Os escombros tiram-me orientação.

Volto ao meu posto. “Dá-me o tempo” diz o Pedro por mim; a sensação de te apanhar na ratoeira. Penso-te morena, olhos verdes, cabelo em contra-mão de tamanho. Talvez solitária.

Não fossem os ratos e o nojo, eu estaria acordado até te ver raiar. É o sono que me leva na pressa de te madrugar. Volto. Nem sinais!

Intervalo-me na esplanada do Alfredo.

Meia de leite e uma torrada. Pouca manteiga, por favor.

Tenho o sol de frente e mal posso abrir os olhos. Por entre as pálpebras semicerradas vejo-te o vulto pela t-shirt que te conheço. O Sol aumenta em ti tudo o que eu ilusionei: és divina! O teu corpo pouco vestido suporta a mochila que te leva.

Sorris-me, pousas a bolsa na cadeira vaga, e comes a torrada que ainda sobra no meu prato. Pousas uma placa em cartão onde se lê: LISBOA.